

John B. Thompson, o poder e o escândalo político: o caso italiano na era de Silvio Berlusconi

Gaspare Trapani
Universidade Católica Portuguesa (FCH/CECC/UCP)
Universidade de Lisboa (FLUL)
ergogaspare@hotmail.com

Ora, degli italiani piccolo-borghesi si sentono tranquilli davanti a ogni forma di scandalo, se questo scandalo ha dietro una qualsiasi forma di opinione pubblica o di potere; perché essi riconoscono subito, in tale scandalo, una possibilità di istituzionalizzazione, e, con questa possibilità, essi fraternizzano.
(Pier Paolo Pasolini)

RESUMO: Há quase 24 anos, os italianos e o mundo assistiam à entrada triunfal de Silvio Berlusconi na política. Apenas dois meses mais tarde, Berlusconi tornava-se primeiro-ministro. A irrupção de Berlusconi na cena política é indubitavelmente um marco revolucionário, que transformou o sistema social e cultural italiano e a maneira como os italianos se representam e são representados. Um papel central neste processo de (auto)-representação foi jogado pela imagem que os muitos escândalos deram do *Cavaliere*. Este artigo visa examinar, à luz de um dos mais célebres ensaios de John B. Thompson, sociólogo e professor da Universidade de Cambridge, *O Escândalo político - Poder e visibilidade na era da mídia*, a relação entre o escândalo e o impacto político e cultural de Silvio Berlusconi e do Berlusconismo sobre a sociedade italiana.

Palavras-chave: Silvio Berlusconi. Escândalo. Impacto político.

ABSTRACT: Quasi 24 anni fa, gli italiani e il mondo assistevano all'ingresso trionfale di Silvio Berlusconi in politica. In soli due mesi Berlusconi diventava primo ministro. L'irruzione di Berlusconi sulla scena politica è senza dubbio un punto di svolta rivoluzionario, che ha trasformato il sistema sociale e culturale italiano e il modo in cui gli italiani si rappresentano e sono rappresentati. Un ruolo centrale in questo processo di (auto)-rappresentazione è stato interpretato dall'immagine che i molti scandali hanno conferito al *Cavaliere*. In questo articolo ci si propone di esaminare, alla luce di uno dei più celebri saggi di John B. Thompson, sociologo e professore dell'Università di Cambridge, *Lo scandalo politico - Potere e visibilità nell'era dei media*, il rapporto tra lo scandalo e l'impatto politico e culturale di Silvio Berlusconi e del Berlusconismo sulla società italiana.

Parole chiave: Silvio Berlusconi. Scandalo. Impatto politico.

ABSTRACT: Almost 24 years ago, Italy and the world witnessed the triumphal entrance of Silvio Berlusconi into politics. Just two months later,

Berlusconi had become prime minister. Berlusconi bursting onto the political scene undoubtedly constitutes a revolutionary landmark, which transformed not only the Italian social and cultural system but also the way Italians represent themselves and are represented. A central role in this (self)-representation process was played by the image that the many scandals gave to the *Cavaliere*. This paper aims to examine, in the light of one of the most famous essays by John B. Thompson, a sociologist and a professor at the University of Cambridge, *The Political Scandal - Power and visibility in the media age*, the relationship between scandal and political and cultural impact of Silvio Berlusconi and Berlusconiism on Italian society.

Keyword: Silvio Berlusconi. Scandal. Political impact.

Introdução

“Escândalo se refere a ações ou acontecimentos que implicam certos tipos de transgressões que se tornam conhecidos de outros e que são suficientemente sérios para provocar uma resposta pública” (THOMPSON, 2002, p. 40).

É assim que John B. Thompson, sociólogo e professor da Universidade de Cambridge, cujo objeto de estudo é a influência da mídia e da ideologia na formação das sociedades modernas, define o escândalo na sua obra *O Escândalo político - Poder e visibilidade na era da mídia* e é, a partir desta definição, que analisarei a obra em questão, fazendo um paralelismo entre o conteúdo dessa mesma obra e a situação política italiana actual, caracterizada desde 1994 pela presença de Silvio Berlusconi.

A obra original de Thompson de 2000, que faz uma análise pormenorizada do fenómeno dos escândalos políticos, tem como objectivo, o estudo destes eventos do ponto de vista sociológico e político. O autor apresenta também numerosos exemplos para que o leitor compreenda o lugar de destaque que os escândalos têm tido nos meios de comunicação e as suas consequências na vida social e política, tendo algumas referências a escândalos italianos do passado (P2 – Mãos Limpas, entre os outros) e abrangendo os últimos anos da política italiana, dominados por Silvio Berlusconi que, de

certeza, poderia oferecer ao John B. Thompson ulteriores momentos de reflexão e análise.

Nos últimos anos, de fato, o tema do escândalo dominou a cena político-mediática italiana e é a análise dessa perspectiva que eu tentarei abordar, à luz do ensaio de John B. Thompson. Silvio Berlusconi, de facto, encontrou-se, muitas vezes, ao centro dessa cena político-mediática, em que a conduta da sua vida privada se cruzou com o seu papel de Primeiro Ministro da República Italiana e, ao mesmo tempo, dono de vários meios de comunicação (televisões, jornais e editoras). Berlusconi possui, de facto, a quase totalidade das televisões privadas nacionais e, nas alturas em que governava, na qualidade de *Presidente del Consiglio* (Primeiro Ministro), controlava também a televisão pública da RAI.

Nascido em Milão, em 1936, Silvio Berlusconi é o mais velho dos três filhos de uma família de classe média milanesa. O pai, Luigi era bancário e a mãe, Rosa Bossi, era dona-de-casa. Casou pela primeira vez em 1965 com Carla Elvira Dall'Oglio, de quem teve dois filhos: Marina, actualmente chefe da Mondadori, a editora Italiana de livros e revistas mais popular (n. 1966) e, Pier Sílvio (n. 1968), director de *Mediaset*, o conjunto de televisões da família. Casou pela segunda vez em 1990, com Veronica Lario, de quem teve três filhos: Barbara (n. 1984), Eleonora (n. 1986) e, Luígi (n. 1988). Separou-se de Verónica em 2009. Berlusconi é, desde 1994, líder do partido político *Forza Italia*, fundado aquando da sua entrada na vida política. É também proprietário da mencionada *Mediaset*, para além de bancos, empresas de publicidade e presidente da equipa de futebol do *AC Milan*. A revista *Forbes* o cita como a segunda pessoa mais rica da Itália e 74º homem mais rico da Europa, com uma fortuna pessoal estimada em quase 9 bilhões de dólares.

Varias controvérsias têm marcado os seus governos. Para além das suas diversas declarações polémicas, o escritor Paul Ginsborg, estudioso das relações comerciais, dos interesses económicos e dos processos judiciais -

máfia, lavagem de dinheiro, evasão fiscal, falsa contabilidade, participação em homicídio, caso *Rubygate*, financiamento ilegal de partidos, corrupção e suborno de de inspetores fiscais, policiais e juízes - do ex-Presidente del Consiglio da Itália, sublinha a combinação do populismo antidemocrático e do poder mediático de Berlusconi que fez e, ainda faz, dele, uma grande preocupação para a democracia.

Em alguns processos, Berlusconi beneficiou da legislação aprovada pela maioria parlamentar liderada por ele mesmo: essas medidas, que têm atraído uma intensa controvérsia política, foram definidas leis *ad personam*. Ao mesmo tempo, ele fez aprovar, em Outubro de 2011, no Parlamento Italiano, uma lei na qual impunha restrições aos jornais e páginas da internet, além de proibir a publicação de escutas telefônicas da polícia.

Escândalo e visibilidade

O escândalo, seguindo a definição de John B. Thompson, é a revelação de algo oculto que viola certos valores e/ou normas. A questão do escândalo, por conseguinte, é intimamente ligada à questão da visibilidade que, com o desenvolvimento dos mídia, tornou-se cada vez mais central na vida política e social.

Se, de facto, antigamente um acontecimento público implicava a presença de um local aberto, com o surgimento e a afirmação de novas tecnologias, a visibilidade multiplica-se. Cada vez mais, os meios de comunicação não têm como papel a pura informação, mas sim gerar uma nova forma de acção e interacção que incide na vida política e social. Agora, portanto, o que é público é o que pode ser atingido pelo olho grande dos mídia.

Os políticos estabelecem, portanto, uma nova intimidade com os eleitores porque o que é público coincide ou pode, muitas vezes, coincidir com o que é privado. Esta maior visibilidade, portanto, pode apresentá-los

tanto positivamente quanto negativamente.

Relativamente a esta forte ligação entre a visibilidade e o escândalo afirma John B. Thompson:

O escândalo se tornou uma característica tão proeminente da vida pública nas sociedades modernas primariamente porque as pessoas que transitam pelo espaço público são muito mais visíveis que no passado e porque sua capacidade de traçar uma linha divisória entre sua personalidade pública e sua vida privada é muito mais limitada. Nessa era moderna de visibilidade mediática, o escândalo é um risco que ameaça constantemente tragar os indivíduos cujas vidas se tornaram o foco da atenção pública. Mas o escândalo político também nos diz algo sobre a natureza do poder e a sua fragilidade, sobre as maneiras como o poder é exercido em nossas sociedades, sobre os tipos de recursos os quais ele está fundamentado e como ele pode ser perdido rápida e subitamente.” (2002, p. 31)

A questão do “olho grande dos mídia” é em Itália absolutamente central: deixando de parte, as redes sociais e meios de comunicação interactivos, como o *Twitter* ou o *Facebook*, que, cada vez mais os políticos utilizam mas que se dirigem a um público-alvo mais limitado, sem dúvida, é a televisão que tem um papel fundamental na vida política italiana.

E isso por várias razões: em primeiro lugar, pelo número enorme de canais existentes em Itália. Observa Peppino Ortoleva, no seu ensaio *Un ventennio a colori – Televisione privata e società in Italia*: “Secondo un calcolo spesso citato il nostro paese ha un numero di emittenti paragonabile solo a quello degli USA” (1995, p. 17), considerando, contudo, que os Estados Unidos são consideravelmente maiores que a Itália.

De facto, se até 1976 a RAI, a televisão do Estado, tinha o monopólio absoluto da difusão de programas, depois desta data, uma nova lei estabelece a liberalização das emissoras televisivas italianas: a RAI perde o monopólio, favorecendo, assim, por um lado, o surgimento de novas televisões regionais, que já em finais de 1976 eram 434, e por outro, abre o caminho para os *networks* nacionais de Silvio Berlusconi. Nos últimos anos, os canais a pagamento e por cabo completam o mapa de um sistema televisivo complexo.

Actualmente dos 7 canais generalistas italianos, três, *Canale 5*, *Italia 1* e

Rete 4, do grupo *Mediaset*, pertencem à família Berlusconi, três canais da RAI são públicos e, estão, portanto sob o controle do governo que, a partir de 1994, foi, por 3 vezes liderado por Silvio Berlusconi, e um (*La 7*) pertence a outro editor, independente dos 2 anteriores.

Os políticos e, neste caso mais específico, Silvio Berlusconi, usaram estes meios não só para governar, mas também - e no caso do Primeiro-ministro italiano, isso é mais do que provado, vista a sua condição de líder político e mediático ao mesmo tempo - para construir a própria imagem. A comunicação - toda - mas principalmente a televisão, e mais especificamente, os programas de tipo jornalístico, é fundamental para as personagens que cria, para as mensagens que lança, para as sugestões que deixa, para as coisas que manifesta e para as outras que omite.

O ritual noturno dos telejornais, quase como uma terapia mediática de grupo, envolve em Itália 20 milhões de telespectadores, 1/3 da população italiana. O telejornal, ou melhor, os telejornais podem enfatizar, estimular, condicionar ou ignorar uma notícia. Não surpreende, por conseguinte, que, durante a campanha eleitoral de 2001, 69,3% dos eleitores informou-se através dos telejornais, que constituem, assim, o principal meio para orientar o voto. E, como já sublinhado, Berlusconi possui a quase totalidade das televisões privadas nacionais e, nas alturas em que governava, na qualidade de *Presidente del Consiglio*, controlava a televisão pública da RAI, isto é, 6 canais generalistas dos 7 disponíveis.

Para além disso, o *Cavaliere* é editor de jornais - *Il Giornale* é um dos principais diários italianos, nas mãos duma editora do irmão, Paolo Berlusconi - e, através da Mondadori, de revistas populares de diferentes tipologias.

Antes de Silvio Berlusconi, nenhum Primeiro Ministro teve tal poder mediático, em nenhum país democrático, dos Estados Unidos até a Europa.

Sobre a construção da imagem do político, John B. Thompson, no seu ensaio, sublinha que “a riqueza visual da televisão e o cenário está montado

para o florescimento de um novo tipo de intimidade na esfera pública. Agora os líderes políticos podem dirigir-se a seus sujeitos como se fossem pessoas da família ou amigos” (2002, p. 68). No caso de Berlusconi, a televisão foi o meio que ele usou para criar um dos principais factores do seu sucesso político: a identificação com o seu interlocutor. Berlusconi seduziu os italianos, imitando-os. A ideia que quer transmitir é: “Eu sou como vocês”, criando, portanto, uma espécie de identificação entre os pensamentos, os hábitos, os sonhos, as veleidades dos italianos e os seus. E isso, quer nos aspectos positivos, quer nos aspectos negativos. Berlusconi, de facto, representa no bem e no mal, os italianos, nas suas virtudes e vícios, nas suas qualidades e defeitos, nas tentações e nas impaciências, quase como um simulacro de um povo trabalhador e preguiçoso, honesto e corrupto, orgulhoso e miserável que cultiva as suas contradições, quase como um código genético.

Daqui a sua necessidade de ser “camaleónico”, isto é, de adaptar-se ao ambiente e às pessoas que o circundam, entrar na “roupa” dos seus interlocutores, com uma notável capacidade de transformar-se: juvenil com os jovens, sábio com os idosos, trabalhador com os operários, milanês com os milaneses, napolitano com os napolitanos.

Mostra, portanto, uma extrema capacidade de assimilar a identidade do interlocutor do momento, lisonjeando-o, e identificando os seus humores, interpretando necessidades, expectativas e esperanças, perspectivando uma sonhadora solução futura, consoante o momento e as circunstâncias.

Berlusconi, dessa forma, aproxima-se da índole do italiano médio, graças, também, ao tipo de linguagem que utiliza. Por exemplo, com base nos sucessos futebolísticos do seu *Milan*, não hesita em usar um “calão” derivado do futebol para alcançar um maior efeito empático e ser mais popular, compreensível e directo, junto de um certo tipo de público-alvo.

Ao mesmo tempo, ao contar anedotas ou admitir certas fraquezas – sobretudo de tipo sexual -, ao alimentar o sonho de ser rico - representação de

um típico desejo humano - se, por um lado, provoca inveja, por outro, estimula um certo “voyerismo sonhador”, como acontece, por exemplo, com a vida de certos divos ou personagens do *jet set* internacional que se tornam num modelo de referência.

O percurso de um escândalo

Sem dúvida, o escândalo “vende” do ponto de vista dos média. Para além da importância referida das televisões, no complexo panorama da imprensa italiana, a curiosidade por Berlusconi – como personagem pública e privada – tem aumentado ao longo dos quase 18 anos de actividade política. Se por um lado, as revistas cor-de-rosa se interessam pela vida privada e familiar do ex-Primeiro Ministro italiano com muitas fotografias, os diários juntam privado e público com o intuito de defender ou atacar politicamente Silvio Berlusconi. Nomeadamente, há uma grande luta entre dois grupos editoriais: um constituído pelo diário *La Repubblica* e pelo semanário *Espresso*, desde sempre contrário à política do *Cavaliere* e outro, pelo grupo de *Il Giornale*, muito próximo das posições políticas de Berlusconi, cujo editor é Paolo Berlusconi, irmão do ex-Primeiro Ministro. Ambos os grupos não hesitam em revelar escândalos que tem como objectivo “ameaçar” a imagem de Silvio Berlusconi – no caso de *Repubblica/Espresso* – ou dos seus adversários (não só políticos, mas também juízes, por causa dos numerosos casos judiciais por ele protagonizados) ou, pelo contrário, “proteger” a sua imagem, no que diz respeito ao *Il Giornale*.

Assim, por exemplo, no dia 20 de Julho de 2009, o semanário *Espresso* publica as escutas telefónicas da *escort* Patrizia d’Addario com Silvio Berlusconi, referindo detalhes extremamente privados. No mesmo ano, mas no mês de Agosto, *Il Giornale* ataca Dino Boffo, director do diário dos bispos *Avvenire*, que, nos meses anteriores tinha criticado a política de Berlusconi. Boffo, acusado, pelo diário do irmão de Silvio Berlusconi, de assédio sexual a

outro homem, demite-se. Alguns meses depois, em Dezembro, o director de *Il Giornale* retira as acusações, mas a carreira de Boffo ficará de qualquer modo marcada.

Em todo o caso, o escândalo atrai os média por várias razões: em primeiro lugar, por razões de lucro, competição e concorrência, mas também por razões profissionais de reputação e para se mostrarem atentos aos acontecimentos políticos.

Mas qual é o percurso de um escândalo? É possível falar de uma estrutura sequencial em que o alimento principal é a publicidade que tornou visível o escândalo. Contudo, não é possível saber quanto vai demorar e que tipo de desenvolvimento pode ter.

John B. Thompson distingue 4 fases: 1) pré-escândalos em que fofocas, alegações e boatos começam a surgir; 2) divulgação pública com documentos e provas; 3) desenlace ou seja fase culminante que pode incluir confirmações ou renúncias; 4) consequências: uma pena ou simplesmente uma saída do espaço público e um “exílio” em que o objectivo seria a recuperação da imagem (fazer um tratamento, escrever um livro, por exemplo).

É interessante notar que um escândalo pode criar desdobramentos, sendo só um início de uma série de escândalos afins. Como afirma John B. Thompson:

O desdobramento de um escândalo se torna um tipo de narrativa com múltiplas tramas e subtramas, muitas das quais malogram, mas algumas delas podem evoluir para escândalos menores específicos (subescândalos), ou mesmo em outras ramificações separadas do escândalo, que estejam apenas tangencialmente relacionadas ao escândalo original. (2002, p. 52)

No caso italiano, nem sempre é possível aplicar este percurso, sobretudo, no que diz respeito às consequências. Se, de facto, as primeiras etapas do desenvolvimento do escândalo são respeitadas, nem sempre as consequências são iguais para os diversos protagonistas dos escândalos.

Em 2009, o presidente da região Lázio, de centro-esquerda, foi filmado em várias festas com travestis e cocaína e as consequências foram inevitáveis:

demissões do cargo político desempenhado, dias de “recuperação” num convento de religiosos, novo domicílio na cidade de Londres. O último resultado foi político: nas sucessivas eleições para a região Lázio, a coligação de centro-esquerda perdeu as eleições. Ou seja: verificou-se aquela condição em que houve uma gradual corrosão das formas de confiança social.

O mesmo não se pode dizer com Silvio Berlusconi que apesar de ter sido protagonista de muitos escândalos, nunca viu uma real *debacle* da sua popularidade, quer em termos de confiança, quer em termos de vitória eleitoral, pelo menos até os meados de 2011, quando a crise económica criou os pressupostos para um claro afastamento dos eleitores do ex-Primeiro Ministro e, a nível europeu, aumentavam as pressões para as demissões do *Cavaliere*.

Faz parte dos italianos um certo espírito, de derivação histórica, de resignação a um poder superior: este poder, dessa forma, não é discutido, mas sim aceite ou, até, “sofrido”. O Senhor, o Príncipe, o Rei e o *Duce*, por exemplo, podem ser objecto de ironia, mas ninguém põe em dúvida o poder que eles, em várias fases da história italiana, tiveram. Berlusconi é o moderno Senhor, o “Imperador a quem os italianos tudo perdoam”, como o definiu a sua ex-mulher, Veronica Lario, comentando a tépida reacção dos italianos a um dos primeiros escândalos sexuais em que o *Cavaliere* foi envolvido.

Berlusconi, portanto, como personalidade é o típico exemplo de figura individual de poder que, no século XXI, domina a política. Dessa forma, imagens e linguagens lembram aquelas das hagiografias, em que o aspecto público da vida, mistura-se com o privado. Assim, filmagens ou fotografias do ex *Presidente del Consiglio* que fala no Parlamento, são alternadas com outras em que, no meio da multidão, brinca com crianças ou abraça idosos ou, ainda outras, em que, numa das suas 14 casas – como ele sublinhou num discurso respondendo a um adversário político que o convidava a demitir-se, “indo” para casa -, cultiva flores ou mima os netos.

Exatamente como um Senhor, domina no seu partido, que ele mesmo criou: um partido com pouca dialética interna e sem congressos e com um único líder, escolhido por aclamação, que concede favores aos seu pupilos, não hesitando em mandar embora ou expulsar outros membros, se e quando manifestarem opiniões contrárias.

Exatamente como um Imperador “narciso”, como consequência do desejo de ser apreciado e louvado, tenta sempre encontrar o consenso dos outros, do “seu povo”. Os seus discursos reflectem isso e, tendo como finalidade a de entusiasmar e seduzir os ouvintes, tem uma estrutura estudada: começam com uma espécie de *captatio animis* em que, mostrando emoção e agradecimento, quer conquistar as almas e as consciências dos presentes; depois, dirigindo-se directamente ao público, numa espécie de diálogo virtual, utilizando dados e sondagens, com perguntas retóricas, o envolve, solicitando respostas corais que transmitem entusiasmo, força e optimismo.

O escândalo político

O escândalo político é outra filiação directa do escândalo e implica uma violação de um processo devido, ou seja, daquelas regras que caracterizam o exercício do poder, típico das democracias liberais que, segundo John B. Thompson, são o lugar privilegiado onde os escândalos políticos podem realizar-se. Se, de facto, a ditadura com alguns dos seus processos – a censura e o medo – pode, de qualquer modo, suprimir qualquer tipo de revelação escandalosa, nas democracias, existindo um confronto e uma dialéctica entre as várias partes políticas, e, existindo uma relativa autonomia dos média, propicia-se um clima mais fértil para a exploração dos escândalos políticos.

John B. Thompson evidencia algumas dimensões que caracterizam o escândalo político: 1) transgressão de códigos e valores morais, ou seja a violação de regras quebradas dentro do exercício do poder. Pode haver também uma transgressão de segunda ordem quando, por exemplo, se mente

mesmo depois de se ter averiguado que o escândalo é verdadeiro; 2) ocultação: para se tornar escândalo, um evento não deve ser oculto, mas deve passar por um conhecimento público em que, obviamente, quem denuncia o escândalo não é o escandaloso, mas sim alguém não envolvido no escândalo 3) desaprovação pública; ou seja quando o escândalo é publicitado à sociedade, através dos mídia, esta o desaprova considerando-o uma acção moralmente vergonhosa; 4) depois o escândalo é alimentado através de um “discurso inflamatório” em blogues ou discursos públicos.

E quais as razões para um escândalo político? John B. Thompson identifica, ao lado de um poder formal conquistado através das eleições, um poder simbólico que é ligado à avaliação moral que a sociedade faz de um político. Afirmar Thompson que este poder: “se refere à capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e modelar seu resultado, bem como a capacidade de influenciar as acções e crenças de outros, através da produção e transmissão de forma simbólicas. O exercício do poder simbólico depende de recursos de vários tipos, incluindo o que chamei de *capital simbólico*. Reputação é um aspecto do capital simbólico: é a relativa apreciação e estima concedida a um indivíduo ou instituição, por outros. Quanto mais alta a apreciação e maior o conjunto de indivíduos que a sustentam, tanto mais alta a reputação de alguém”. (296/297)

Nesse contexto inserem-se os mídia que têm um papel cada vez mais importante para a conquista e/ou a defesa deste poder simbólico da mesma forma que as eleições servem para medir o *feedback* dos eleitores.

Os mídia, portanto, desempenham um papel fundamental na vida política: por um lado, porque aumentam a visibilidade dos políticos, através de várias técnicas (fotografias, escutas telefónicas), criando quase uma identidade entre público e privado e, depois, porque a reportagem jornalística torna-se mais incisiva e mordaz.

Como já mencionei anteriormente, todos os mídia – e de uma maneira

mais específica, a televisão – tiveram um papel fundamental na construção da carreira e da personagem política de Berlusconi. Convém aqui recordar que, no momento em que Berlusconi entrou na política, usou as suas televisões e, através delas, publicitou – em finais de 1993 – a constituição do novo partido *Forza Italia*. Ao mesmo tempo, a partir dos meados de 2011, a sua imagem pública sofreu, depois de uma série de escândalos, enfatizados pela televisão e pelos média, uma diminuição de popularidade que, em pouco tempo, teria conduzido às suas demissões.

Mas nem todos os tipos de escândalos são iguais. Assim John B. Thompson distingue três tipos de escândalos:

a) ESCÂNDALOS SEXUAIS na esfera política. Dizem respeito à conduta das relações sexuais na vida privada de figuras públicas (assédio sexual, prostituição, homossexualidade ou sexo com menores). Em muitos casos, não há quebra de leis mas este tipo de escândalos tem mais a ver com o poder simbólico acima referido.

Nos últimos anos em Itália, os casos deste tipo de escândalos aumentaram sensivelmente. As famosas festas na *Villa Certosa*, a mansão de Silvio Berlusconi na Sardenha e, logo depois na *Villa San Martino* de Arcore, residência principal do ex-Primeiro Ministro, em que o político italiano convidou jovens mulheres para entreter convidados: políticos, jornalistas, essencialmente, mas também outros colegas da política internacional (celebre é a foto do Primeiro-Ministro da República Checa, Topolaneck, cuja publicação foi proibida em Itália, mas que o jornal espanhol *El País* publicou numa reportagem exclusiva), inaugurou uma série de escândalos que culminaram no caso “escort” e nas revelações de Patrizia D'Addario, em que o sexo tornava-se uma mercadoria de troca, tal como podia ser o dinheiro: ou seja estas *escorts* eram parte de uma compensação que tinha como finalidade a persuasão do Primeiro-ministro para agir numa determinada direcção.

b) ESCÂNDALOS FINANCEIROS na esfera política. São escândalos

relativos ao abuso de dinheiro e irregularidades financeiras, tendo como base a relação entre o poder político e o poder económico. Contrariamente ao tipo de escândalo anterior, podendo incluir suborno, apropriação irregular de fundos públicos, fraude ou corrupção, a infracção legal e o processo criminal são elementos fundamentais neste tipo de escândalo.

Neste caso, John B. Thompson faz uma referência clara à política italiana. O sociólogo, falando nomeadamente de uma série de escândalos políticos-financeiros de grande importância, acontecidos em Itália nas décadas de 1980, evidencia “uma longa história de corrupção institucionalizada e intercâmbios clientelísticos que sustentam o sistema político italiano” (2002, p. 199).

De fato, “Mãos Limpas”, em 1992, foi o clímax desse período de escândalos financeiros: os dois maiores partidos de governo da altura – a Democracia Cristã e o Partido Socialista – foram afectados de uma forma intensiva, até desaparecerem, propiciando, depois, o surgimento de *Forza Italia*, o partido que Berlusconi iria formar em 1994 para encher o vazio, determinado pelo desaparecimento dos dois partidos referidos.

Ao mesmo tempo, no início dos anos noventa, são 108 as sociedades do Grupo Berlusconi estabelecidas em vários países estrangeiros, quase todos nas áreas da editoria, cinema, publicidade e televisão. Muitas delas estão situadas em paraísos fiscais, Bahamas, Ilhas Virgens por exemplo. A função é controlar, através de pessoas de confiança, cotas de participação em emissoras televisivas e adquirir filmes e direitos televisivos, evitando o pagamento de impostos.

c) ESCÂNDALOS DE PODER envolvem o “mau uso ou abuso de poder” e implicam a infracção de normas que regem a conquista e o exercício do poder. Podem incluir também questões económicas mas o escândalo não é a transacção económica, mas sim um acto político. Um exemplo citado no livro de John B. Thompson é a constituição de formas ocultas de poder e, também

neste caso, o autor faz referência a um episódio que caracterizou a história política italiana relativamente recente, ou seja, a constituição de uma loja maçónica secreta conhecida como Propaganda Dois (P2), descoberta em Março de 1981 e composta por 962 membros. Entre os seus membros, com o cartão 1816, Silvio Berlusconi. A P2 era uma espécie de *sottogoverno*: “Não era uma rede que se opunha ao estado, mas uma rede que fazia parte integrante dele, fornecendo canais através dos quais a informação e os contactos pessoais fluíam. Licio Gelli, o grão-mestre da loja maçónica P2, era um intermediário dessa rede, coordenando actividades, colocando as pessoas mutuamente em contacto e facilitando os fluxos de informação e recursos através de canais que eram eficazes pelo facto de serem ocultos”. (243) Mas são numerosos os exemplos de escândalos determinados pelo abuso de poder que caracterizam o ex-Primeiro-ministro italiano: desde as leis *ad personam* que Berlusconi, através do seu governo, faz aprovar para evitar os processos até os vários episódios de despedimento ou censura, nas televisões da RAI, de jornalistas ou cómicos que abertamente manifestaram as suas ideias opostas bem como a obtenção, por ocasião das eleições, da interrupção dos *talk-shows* políticos até ao dia das votações.

Conclusões

Mas quais as consequências do escândalo? Partindo dos conceitos de reputação – ou seja a competência, a proficiência e o carácter, a probidade e integridade – e da confiança, basilares na vida política democrática, John B. Thompson afirma que os escândalos são potenciais esvaziadores de confiança e de reputação.

Mas nem sempre os escândalos destroem a reputação e a confiança. E o caso de Silvio Berlusconi é o exemplo disso: quando, em 1994, começou o seu percurso político, já era protagonista de muitos escândalos financeiros e, apesar disso, conseguiu ganhar as eleições. Sucessivamente, os escândalos de

que até hoje foi protagonista, não afetaram negativamente a sua carreira política, nem tiveram consequências irremediáveis sobre a sua coligação que, até as últimas eleições legislativas, conseguiu manter um certo poder.

Parece, portanto, possível partilhar das mesmas opiniões do John B. Thompson, segundo o qual é possível evidenciar várias teorias que são, contudo, insuficientes para explicar a importância dos escândalos nas sociedades contemporâneas: 1) A “teoria da não consequência”, ou seja, o acontecimento é efêmero e tem pouca ou nenhuma influência. 2) A “teoria funcionalista” do escândalo: as influências são todas conservadoras, ou seja mantêm o *status quo* inicial; há uma ruptura momentânea mas depois tudo volta ao normal, típico dos escândalos sexuais. 3) A “teoria da trivialização”: o escândalo tem um impacto violento sobre a vida política, porque distrai as pessoas de questões importantes. Neste caso é fundamental o papel de entretenimento enfatizado pelos média. 4) “Teoria do escândalo da subversão” é típico das imprensas ou dos meios populares e é sobre figuras públicas: subvertem o bloco de poder, provocando descrença e cepticismo.

Referências

ASQUER, Enrica. GINSBORG, Paul. *Berlusconismo. Analisi di un fenomeno*. Bari: Laterza, 2011.

BONI, Federico. *Il superleader: fenomenologia mediatica di Silvio Berlusconi*. Roma: Meltemi, 2008.

CERI, Paolo. *Gli Italiani spiegati da Berlusconi*. Bari: Laterza, 2011.

FARINOTTI, Pino. *I maghi del canale*. Rizzoli: Milano, 1985.

GINSBORG, Paul. *Berlusconi: ambizioni patrimoniali in una democrazia mediatica*. Torino: Einaudi, 2003.

GUARINO, Mario. *L'orgia del potere: testimonianze, scandali e rivelazioni su Silvio Berlusconi*. Bari: Dedalo Edizioni, 2005.

ORTOLEVA, Peppino. *Un ventennio a colori. Televisione privata e società italiana*.

Firenze: Giunti, 1995.

RHO, Edmondo. *Il suicidio. Il declino del berlusconismo. Cronache e retroscena.* Milano: Melampo, 2011.

THOMPSON, John B. *O escândalo político. Poder e visibilidade na era da mídia.* Petrópolis: Vozes, 2002.